



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**



DÉBORA SIMÕES E LAÍS DINIZ

**GARIMPANDO A SERRA DA CANASTRA:
Do Velho Chico ao Queijo**

Mariana
2016



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**



DÉBORA SIMÕES E LAÍS DINIZ

GARIMPANDO A SERRA DA CANASTRA:

Do velho Chico ao Queijo

Memorial descritivo de produto jornalístico apresentado ao curso Jornalismo da Universidade Federal de Ouro Preto, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Me. André Luís Carvalho

Mariana

2016

Catálogo na fonte: Bibliotecário: Essevalter de Sousa - CRB6a. - 1407 - essevalter@sisbin.u

S589g Simões, Débora de Oliveira
Garimpando a Serra da Canastra: do Velho Chico ao
2016queijo [manuscrito]/ Débora de Oliveira Simões e Laís
Diniz de Rezende Meireles.-Mariana, MG, 2016.
45 f.: il., fotos.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade
Federal de Ouro Preto, Instituto de Ciências Sociais
Aplicadas, Departamento de Ciências Sociais, Jornalismo
e Serviço Social DECSO/ICSA/UFOP

1. Cultura - Aspectos sociais - Minas Gerais. 2. Fotografia
- Minas Gerais. 3. Economia regional - Brasil. 4.
Parque Nacional da Serra da Canastra (MG). 5. MEM.
6. Monografia. I. Meireles, Laís Diniz de Rezende.
II. Carvalho, André Luís. III. Universidade Federal
de Ouro Preto. \$b Instituto de Ciências Sociais Aplicadas.
IV. Título.

CDU: Ed. 2007 -- 911:33(815.1)

Débora de Oliveira Simões e Laís Diniz de Rezende

Curso de Jornalismo - UFOP

GARIMPANDO A SERRA DA CANASTRA:
DO VELHO CHICO AO QUEIJO

Trabalho apresentado ao Curso de Jornalismo do Instituto de Ciências Sociais e Aplicadas (ICSA) da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, sob orientação do Prof. Me. André Luís Carvalho.

Banca Examinadora:



Prof. Me. André Luís Carvalho



Prof. Dr. Marcelo Freire Pereira de Souza



Prof. Me. Rafael Drumond

Mariana, 22 de março de 2016.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**



AGRADECIMENTOS

Agradecemos em primeiro lugar a DEUS, que foi a base de nossas conquistas;

Aos nossos pais João e Rosângela, e Max e Leila, por sempre acreditarem e terem interesse em nossas escolhas. Apoiando-nos e esforçando-se junto nós, para que supríssemos todas as nossas dificuldades e vencêssemos os desafios;

Ao professor André Luís, pela dedicação em suas orientações prestadas na elaboração deste trabalho, sempre incentivando e colaborando no desenvolvimento de nossas ideias.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**



“Que os vossos esforços desafiem as impossibilidades. Lembrai-vos de que as grandes coisas do homem foram conquistadas do que parecia impossível”.

(Charles Chaplin)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO



RESUMO

O trabalho consiste em uma produção fotodocumental organizada em um *site*, sobre a região da Serra da Canastra, seus moradores rurais, o Parque Nacional, algumas problemáticas específicas e os elementos da cultura do local.

Os chamados Canastreiros, moradores da região, possuem uma identidade própria. Conhecer seus costumes, opiniões e dificuldades, foi a forma encontrada para descrever essa identidade. Por meio da fotografia, de textos, vídeos e áudios; da construção de um *site* e da produção desse memorial discutimos e retratamos aspectos ligados à identidade, cultura e ao contexto de desapropriação de terra, presente nesse universo. A documentação produzida conta histórias de personagens locais, ajuda a entender o que é um Parque Nacional e algumas questões que envolvem sua implantação.

Palavras-chave: identidade; cultura; fotodocumentário; *site*; Serra da Canastra.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO



ABSTRACT

The work consists of a fotodocumental production organized on a website, about the Serra da Canastra, your rural residents, the National Park, some specific issues and local culture elements.

The so-called Canastreiros, residents of the region have their own identity. Know their customs, beliefs and difficulties, it was the way found to describe that identity.

Through photography, texts, videos and audios; construction of a website and the production of this memorial discussed and portrayed aspects of identity, culture and context of land dispossession, present in this universe. The documentation produced tells stories of local characters, it helps to understand what is a National Park and some issues surrounding its implementation.

Keywords: identity; culture; photodocumentary; *website*; Serra da Canastra.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO



LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

AIRCA – Associação e Instituição Representativa dos Canasteiros

DNPM – Departamento Nacional de Produção Mineral

FSA – Farm Security Administration

GTI – Grupo de Trabalho Interministerial

IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis

IBDF- Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia Estatística

ICMBio- Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade

IMA - Instituto Mineiro de Agropecuária

INPI - Instituto Nacional de Propriedade Industrial

PARNA- Parque Nacional

PNSC – Parque Nacional da Serra da Canastra

TDA – Título de Dívida Agrária

UC – Unidade de Conservação

ZA - Zona de Amortecimento



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO**



LISTA DE IMAGENS

Figura 1

24



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
Capítulo 1 – SERRA DA CANASTRA: PARQUE NACIONAL E POPULAÇÃO RURAL	9
1.1 – Povoação, Cultura e Economia	9
1.2 – Criação do Parque Nacional da Serra da Canastra	11
1.3 – A Questão das Desapropriações	12
Capítulo 2– O FOTOGRÁFICO	18
2.1 – Fotografia	18
2.2 – Fotografia e Identidade	19
2.3 – Fotografia Documento e Fotografia Expressão	22
2.4 – Fotodocumental e Retrato	26
Capítulo 3 – O PRODUTO	29
3.1 – Pré-Produção	29
3.2 - Diário de Campo – Produção	30
3.3 - Pós-Produção	36
3.3.1 - Escolha da Plataforma WIX	36
3.3.2 - Referências para o Formato do Produto	37
3.3.3 - Planejamento e Conteúdo do Site	37
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	41

INTRODUÇÃO

A visão é um dos principais sentidos do ser humano. Ela aguça a leitura, seja do mundo, da escrita ou das pessoas ao nosso redor. Conseguimos por meio de expressões faciais e gestuais, ou através de um olhar, saber um pouco do outro, de seus sentimentos e até mesmo de sua história. E por meio da fotografia conseguimos captar, criar, mostrar as pessoas e conhecer um pouco do mundo e dos sujeitos nele inseridos.

É justamente a partir dessa linguagem que nos propusemos a elaborar um produto de comunicação, com o objetivo de contar parte da história da população rural e da Serra da Canastra, em Minas Gerais. A escolha do tema veio pelo interesse na região, que cada vez ganha mais destaque pelo queijo e pelo turismo. Mesmo conhecendo a Serra como turistas, queríamos saber quem são as pessoas que vivem lá e quais identidades os unem.

O povo da região é denominado Canastreiro, pois suas identidades são demarcadas pelas diversas gerações que criaram peculiaridades que só eles têm. Histórias que se cruzam e fazem da Serra não só seu lar, mas também sua marca registrada. Berço de belas paisagens e cachoeiras é na Canastra que nasce um dos rios mais importantes do Brasil: o rio São Francisco. Apelidado de “Velho Chico”, o rio percorre 2.830 km em sete estados brasileiros, passando por mais de 521 municípios.

Com a fotografia como fio condutor do produto, esperamos conseguir mostrar esse povo, suas identidades e seus desafios. Através do site <http://serradacanastratcc.wix.com/dovelhochicoaqueijo>, traremos à tona as histórias que os Canastreiros nos contaram e mostramos um pouco dessa região rica em biodiversidade. Por ser uma plataforma multimídia, o *site* possibilita a publicação de fotos, textos, vídeos, áudios e vários outros, além de ter uma conectividade com as redes sociais, como *Facebook* e *Twitter*. Com isso o produto pode alcançar uma quantidade significativa de pessoas.

Esse memorial está dividido em três partes. O primeiro capítulo trata das histórias locais: do povo, sua cultura e economia. Em seguida, discorreremos sobre a fotografia e suas derivações, como o fotodocumental e o retrato.

No último capítulo contamos sobre a viagem à Serra da Canastra, os processos de produção das imagens e textos, e o planejamento do *site* - experiência nova para nós, que não dominamos a linguagem HTML -, que hospeda o conteúdo visual e textual de nosso trabalho.

O produto foi dividido em duas partes, A Serra e O Queijo. Na primeira contamos histórias da região, do Parque, do turismo, do garimpo, da cultura e de alguns personagens. Na segunda parte abordamos a produção do queijo Canastra, uma das principais marcas da região, e as produções agropecuárias que estão ligadas à produção leiteira.

CAPÍTULO 1 - Serra da Canastra: Parque Nacional e população rural

1.1 Povoação, cultura e economia.

A ocupação da Serra da Canastra é marcada por três povos diferentes. Os indígenas, entre eles os índios Cataguazes, foram os primeiros a povoarem a região, mas não se sabe a data exata em que chegaram ao local. Entre os séculos XVII e XIX, vieram os bandeirantes¹. E por último, no início do século XVIII, negros foragidos refugiaram-se em quilombos no local. Segundo Aguiar et al (2008), houve diversos conflitos entre esses povos: na primeira ocupação, em 1675, os índios Cataguazes foram dizimados pelos bandeirantes, liderados por Lourenço Castanho Taques.

A região também foi marcada pelos diversos quilombos que ali se instalaram. O maior deles foi o de Pai Inácio que, segundo Aguiar et al (2008), era tão grande quanto o de Palmares, localizado na Serra da Barriga, em Alagoas.

Os negros aproveitaram muito bem a abundância de água e as terras férteis da cabeceira do São Francisco e viviam da agricultura, da pesca e da caça. Conheciam a biodiversidade e os caminhos da Canastra. Por isso, puderam resistir durante longos anos ao domínio dos brancos. Em uma batalha sangrenta sob o comando de Diogo Bueno da Fonseca, em meados do século XVIII, os quilombolas foram aniquilados. Alguns conseguiram fugir e ajudaram a compor a sócio-diversidade que hoje encontramos no Cerrado (AGUIAR *et al*, 2008, p. 42).

Segundo relatos de viagem do naturalista francês Saint-Hilare (2004), em sua expedição em 1819, a população encontrada próxima à capela de São Roque de Minas, localizada na Região Centro-Sul de Minas Gerais, já era de brancos e mestiços vindos de centros de mineração em decadência.

O primeiro ciclo econômico, em 1842, na Serra da Canastra foi o do garimpo, seguido pela agricultura e pecuária, que persistem até hoje. Contudo, antigamente, a agricultura e a pecuária eram utilizadas apenas para subsistência e não para o mercado. Ferreira diz que Saint-Hilare apontou tais características econômicas em seus estudos: “destaca que os moradores cultivam a terra com suas próprias mãos e que o gado que criam é uma renda, apesar de pequena, importante para a região” (SAINT-HILARE, 2004 *apud* FERREIRA, 2013, p.75).

Atualmente, a economia dos municípios no entorno da Serra é baseada mais destacadamente na pecuária leiteira. De acordo com o Censo Agropecuário do Instituto

¹ Os bandeirantes eram homens, principalmente paulistas, que entre os séculos XVI e XVII atuaram na captura de escravos fugitivos, aprisionamento de indígenas e outras tarefas relacionadas. Atuaram também na procura de pedras e metais preciosos pelo interior do Brasil. Os bandeirantes foram responsáveis pelo desbravamento do território brasileiro. Expandiram o território brasileiro para além das fronteiras determinadas pelo Tratado de Tordesilhas.

Brasileiro de Geografia Estatística (IBGE) de 2006, as áreas de pastagem naturais e artificiais de São João Batista do Glória, por exemplo, correspondem a 57,6% do total de terras utilizadas para a agropecuária. Em relação à área total do entorno do Parque Nacional Serra da Canastra, as áreas utilizadas para a agropecuária nos municípios correspondem a, aproximadamente, 54%.

Outra parte da renda local vem do cultivo de café, que aumentou devido ao baixo preço das terras e à mão-de-obra barata. A pavimentação da rodovia que liga Vargem Bonita à Piumhi, em 2006, estimulou o investimento de produtores de Piumhi e de cidades paulistas, como Franca e Ribeirão Preto.

A beleza da paisagem da Região da Canastra e o asfaltamento da rodovia atraíram turistas e empresários do turismo. O aumento de visitantes fez essa atividade na região deslançar. Com isso, os Canastreiros investiram na melhoria de suas propriedades, seja para a hospedagem, para o aumento da produção agrícola ou para o aumento da produção de queijo.

A principal fonte de renda de algumas famílias é o leite, transformado em queijo. A produção do queijo Canastra vem desde o século XVIII e, até hoje, é uma das principais fontes de renda da população. Em 2008, o queijo foi tombado como Patrimônio Cultural e Imaterial Brasileiro, certificado pelo Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI).

Nas cidades no entorno da Serra, o queijo é produzido de forma artesanal. Para que o produto receba o selo de qualidade do Instituto Mineiro de Agropecuária (IMA), a produção deve ser regulamentada e seguir algumas normas. Por ser um processo caro e demorado, poucos são os produtores que conseguiram finalizar as normas e se regulamentarem. Uma das vantagens desse processo é que o queijo recebe um preço condizente com o seu valor e pode ser vendido em outras cidades e estados. Os produtores não-regulamentados vendem o queijo praticamente a preço de custo.

Os principais fatores que fortalecem essa atividade são: a grande demanda pelo queijo Canastra nos mercados da região Sul de Minas Gerais e Metropolitana de São Paulo, e a ausência de indústrias de laticínios para processar o leite. A falta dessas indústrias se dá pela condição das estradas que dão acesso às propriedades dos produtores leiteiros: por serem de terra e muito irregulares, os caminhões não conseguem fazer o trajeto a tempo sem que o leite estrague.

Algumas famílias da região vivem exclusivamente da renda e da produção gerada em atividades como a pecuária leiteira e o cultivo de lavouras destinadas à subsistência. Outras obtêm renda complementar com a prestação de serviços temporários nas fazendas e sítios, explorando o turismo em suas propriedades e fazendo delas pousadas.

1.2 Criação do Parque Nacional da Serra da Canastra

Localizado no Centro-Sul do Estado de Minas Gerais, o Parque Nacional da Serra da Canastra (PNSC) engloba os municípios de São Roque de Minas, Vargem Bonita, Delfinópolis, São João Batista do Glória, Capitólio e Sacramento. Criado em 1972, seu decreto previa uma área de 200.000 hectare (ha). Contudo, na época, desapropriaram apenas 71.525 ha.

Em 2005, o Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renovais (IBAMA) revisou o plano de manejo, constatando que os 128.475 ha restantes deviam ser incorporados. Também estabeleceram um raio de 10 km no entorno da área do Parque, como Zona de Amortecimento (ZA).

De acordo o Instituto Chico Mendes de Biodiversidade (ICMBio), a seca de 1971 foi uma das responsáveis para a criação do PNSC. O desmatamento das matas ciliares para a plantação de florestas exóticas na Região Norte de Minas Gerais, como por exemplo, as de eucaliptos, com o intuito de abastecer as indústrias siderúrgicas com carvão, destruiu as nascentes de vários afluentes do rio São Francisco, através do assoreamento. Isso acabou comprometendo a navegabilidade do rio e o abastecimento de água da Região Nordeste do país. Frente a esses impactos, o governo federal criou o PNSC, com o objetivo de proteger as nascentes dos mananciais de três bacias hidrográficas: a do baixo Paranaíba, a do Alto São Francisco e a do Rio Grande.

O outro fator responsável pela criação do Parque foram os garimpos. Essa atividade começou por volta da década de 1950, e até a década de 1970 já havia gerado muitos danos ambientais, causados pelas escavações feitas com pás, picaretas e carros-de-mão. As matas ciliares próximas aos rios eram cortadas e os cursos d'água desviados; isso iniciou um grande processo erosivo, depositando uma grande quantidade de terra nos rios.

A partir de 1970, com a substituição do processo de extração manual pelo mecânico, esses danos ambientais se intensificaram. Os movimentos ambientalistas passaram a pressionar o Estado para que as lavras fossem fechadas. A criação do PNSC atendeu a essa necessidade de medidas urgentes para evitar mais agressões ao meio ambiente.

A reforma agrária também é um dos motivos pelos quais o Parque nasceu. O artigo 4º do decreto nº 70.355, que estabelece sua criação, prevê que:

Das áreas definidas no artigo 2º do presente Decreto poderão ser excluídas, a critério do Instituto Brasileiro de Desenvolvimento Florestal (IBDF), aquelas que tenham alto valor agricultável, desde que esta exclusão não afete as características ecológicas do PNSC (BRASIL, 1972).

Dois anos depois foram criados mais dois decretos (74.446 e 74.447), que efetivam a desapropriação de terras para fins de reforma agrária dentro da Serra da Canastra nos municípios de Vargem Bonita, São Roque de Minas e Sacramento.

Parece controverso pequenas propriedades serem desapropriadas para se fazer reforma agrária, porém muitos moradores da época declaravam as terras como improdutivas para não pagarem impostos. Frente a isso, o Governo conseguiu que as desapropriações fossem pagas com Títulos da Dívida Agrária (TDA)² e muitos desses títulos não foram ressarcidos até hoje.

A criação do Parque foi um processo demorado e conturbado, e aconteceu durante a Ditadura Militar (1971-1985). O Estado não conseguia negociar a saída dos grandes latifundiários e pequenos agricultores, e em alguns casos teve que contar com a força policial para a retirada de proprietários rurais mais resistentes.

Na primeira desapropriação em 1972, o governo não possuía dinheiro para pagar todas as famílias desapropriadas e, em alguns casos, os títulos de dívidas agrárias dados não possuíam data certa para a indenização. Devido à lentidão das indenizações e à luta para a retirada dos habitantes da região, surgiram sentimentos de revolta em relação ao Parque Nacional da Serra da Canastra (PNSC). Atualmente, esse conflito reaparece com a proposta de ampliação dos limites do Parque, pois quem ainda está dentro dos limites do PNSC e tem laços afetivos com o lugar não quer sair. Existem algumas associações que lutam contra as desapropriações, como a Associação e Instituição Representativa dos Canasteiros (AIRCA) e a Associação Comunitária de São José de Barreiro.

1.3 Desapropriações

Com a acelerada devastação do Cerrado e a transposição do rio São Francisco, surgiu a necessidade de garantir a proteção e recuperação ambiental do local. No que diz respeito ao PNSC, isso consolida a avaliação do órgão ambiental federal e dos movimentos ambientalistas preservacionistas, que dizem que somente o aumento da área do Parque e a retirada das atividades econômicas da região poderão garantir a preservação (BRASIL, 2005). Em oposição a essa visão, estão entidades políticas locais, empresários dos setores rurais e de turismo, ambientalistas de orientação ideológica socioambientalista e produtores rurais, que defendem a compatibilidade entre desenvolvimento econômico e conservação do meio ambiente (BARBOSA, 2007).

² O Título de Dívida Agrária (TDA) é um título mobiliário da dívida pública federal interna, decorrente de desapropriações de imóveis rurais (art. 184, da Constituição Federal do Brasil), ou de aquisição amigável de imóvel rural pelo INCRA para fins de reforma agrária. Geralmente demora certo tempo para poder retirar e convertê-lo (o TDA) em dinheiro.

Ao criar-se um Parque Nacional (PARNA) para preservação, entende-se que não haverá nenhuma população morando dentro de sua área, e por isso ocorrem às desapropriações de terras. Como já dito anteriormente, o período de criação do PNSC foi conturbado e segundo relatos da população local, citados por Ferreira (2013), por se tratar de uma época de Ditadura Militar, as invasões da Polícia Federal eram violentas. Não se pensou nos indivíduos em que lá viviam e o valor pago (quando pago) pelas terras eram inferiores em relação ao que realmente valiam.

Algumas falas colhidas por Oliveira (1992) reforçam bem o cenário vivenciado com relação aos valores pagos nas desapropriações:

“Não dava nem prá comprar veneno prá beber.” Camponês de São Roque de Minas (Ibidem, p. 65).

“[...] foi dinheiro de comprar galinhas. O dinheiro recebido por 1 alqueire³ não dava prá comprar 1 hectare⁴ lá em baixo.” Camponês de São Roque de Minas (Ibidem, p. 65).

“Não dava nem para comprar um carro velho. Pagavam todo ano um pouco, depois deram uns títulos, os advogados também receberam.” Camponês de São Roque de Minas (Ibidem, p. 66). (OLIVEIRA, 1992 *apud* FERREIRA, 2013 p.104).

Em entrevista⁵ a nós concedida, em janeiro de 2015 - na Pousada Babilônia, localizada em Delfinópolis, MG - o presidente da AIRCA, Reinaldo Sebastião de Almeida diz que: “As primeiras desapropriações foram um roubo, o povo só recebeu a indenização após 30 anos e foi uma merreca. Vi muita gente morrer de desgosto. Hoje em dia só não fazem isso porque vivemos numa democracia, aí fica mais difícil”.

Muitas pessoas acreditam que os interesses ambientais, agropecuários e turísticos podem ser conciliados. Mas os desafios são grandes, pois a renda gerada pelo turismo se limita àquelas propriedades que possuem vantagem em relação à sua localização, estando perto de cachoeiras ou pontos turísticos ou às que possuem belezas naturais. Mesmo assim, os Canasteiros não conseguem sobreviver apenas com o dinheiro arrecado com o turismo, eles precisam ter outras fontes de renda como a produção de queijos, a pecuária e a agricultura.

Segundo Barbosa (2007), a forma como as terras são ocupadas e o uso de seus recursos naturais provocam grandes impactos ambientais. Logo, para permanecerem nas terras, o povo deve adequar seu sistema produtivo, de modo que as atividades agropecuárias não provoquem erosão, supressão da vegetação nativa, contaminação do solo e da água e não comprometam a reprodução dos animais silvestres. Por exemplo, utilizando uma agricultura orgânica, sem o uso de agrotóxicos, não há a contaminação do solo; para evitar a erosão, o

³ Um Alqueire Mineiro → 48 400 m² → 4,84 ha

⁴ Um hectare é igual a 10.000 m²

⁵ Entrevista realizada no dia 25 de janeiro de 2015, no Vale do Babilônia, município de Delfinópolis.

agricultor deve fazer curvas de níveis em suas terras, respeitar as áreas de preservação, conservar as nascentes e etc.

A cada cinco anos o Plano de Manejo deve ser reformulado; e para a elaboração de um novo, as metas do anterior devem ser cumpridas. Com a revisão do Plano de Manejo em 2005, o Instituto Chico Mendes de Biodiversidade (ICMBio) constatou que o Parque Nacional da Serra da Canastra (PNSC) não poderia continuar com apenas 71.525ha, pois o decreto nº 70.355, de 03 de abril de 1972, que estipula a sua área de 200.000ha, não havia sido revogado. Sendo assim, a população do entorno da Serra da Canastra tornou a sentir-se insegura e a temer a desapropriação de suas terras. Atualmente, o decreto não pode ser revogado, e somente uma lei federal pode reduzir a área do Parque.

Em 2006, foi criado o Grupo de Trabalho Interministerial (GTI) do PNSC. Segundo o relatório publicado, os objetivos do grupo são proceder a estudos e propor medidas relativas à revisão dos limites do Parque Nacional (PARNA).

O Grupo em causa foi designado pela Portaria nº 104, de 9 de fevereiro de 2006, da Ministra Chefe da Casa Civil da Presidência da República (publicado na Seção 2 do Diário Oficial da União do dia 10 de fevereiro de 2006, p. 1), sendo composto por representantes da Casa Civil da Presidência da República, do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, Ministério do Desenvolvimento Agrário, Ministério do Meio Ambiente, Ministério de Minas e Energia, do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM) e do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis – IBAMA. (BRASIL, 2006, p.2).

O relatório do GTI faz menções ao histórico do Parque, problemáticas sobre as desapropriações e também a documentos enviados por diversos órgãos relacionados à causa. Contudo, em sua conclusão, afirma que o Parque deve continuar com o que prevê o Plano de Manejo. Os membros do grupo são apenas representantes do governo, a população local não pode participar das discussões.

Essa leitura de um PARNA⁴ com 200 mil hectares retomou as especulações e disputas territoriais no tocante à área real dessa UC⁵, e a possível expropriação camponesa em seu entorno, principalmente no Chapadão da Babilônia. Dentre os argumentos dos órgãos ambientais para efetivação do Parque com tais dimensões apresentam a necessidade de aumentar a preservação do Cerrado aliado à relevância dos recursos hídricos através dos rios São Francisco e Grande (FERREIRA, 2012, p.122).

Com essa declaração é possível notar que para preservar é necessário que os moradores da Serra da Canastra saiam de suas terras, pois o GTI entende que onde há pessoas vivendo não é possível preservar a região. Ferreira (2013) cita Furlan (2000), ao criticar a visão que se faz presente nas políticas públicas de conservação: em que se deve separar o homem da natureza, como se este não fizesse parte dela.

⁴PARNA: Parque Nacional

⁵ UC - Unidade de Conservação

“Muitos chegam a propor que podemos nos afastar da natureza, como se ela não estivesse em nós mesmos. É como se a natureza pudesse existir num plano apenas ideal. Como se não fôssemos natureza” (FURLAN, 2000, p.31 *apud* FERREIRA, 2012, p.125).

No conflito pela ampliação do Parque Nacional da Serra da Canastra (PNSC), o turismo aparece como uma atividade capaz de atrair investimentos e de enlaçar uso e proteção dos recursos naturais, gerando renda e trabalho. Para os defensores das atividades humanas nesse local, é possível suavizar os impactos ambientais e ponderar os usos agropecuários e turísticos, garantindo a proteção dos ecossistemas silvestres.

No Chapadão do Babilônia, o turismo se tornou uma alternativa para gerar novas rendas. As fazendas se transformaram em pousadas, alugando quartos e oferecendo atividades como *camping*, passeios de jipe, cavalgadas e trilhas. Como o PNSC é considerado uma Unidade de Proteção Integral, essas ações no Chapadão são consideradas ameaças ao propósito da área de conservação da fauna e da flora do local. Isso acontece, pois neste tipo de Unidade de Proteção os recursos naturais não podem ser usados de maneira direta, uma vez que é necessário preservar tais áreas para que algumas espécies não entrem em extinção.

Em 15 de outubro 2010, o ICMBio publicou o edital nº 01/2010, que prevê a desoneração⁶ da Reserva Legal. O objetivo do edital é efetivar a compensação da reserva com a regularização fundiária do PNSC. Segundo o Instituto Estadual de Florestas, “reserva legal é uma área localizada no interior de uma propriedade ou posse rural, que deve ser mantida com sua cobertura vegetal nativa. Tem a função de assegurar o uso econômico de modo sustentável dos recursos naturais do imóvel e auxiliar a conservação e reabilitação dos processos ecológicos, promovendo a conservação da biodiversidade”. Quando um proprietário não mantém a reserva legal da sua área, ele pode doar outras ao governo e assim compensará os danos ambientais causados nas próprias terras. No caso do PNSC, essa compensação é para regulamentação das terras que estão dentro do Parque Nacional (PARNA).

Essa proposta consiste na compra de áreas de domínio privado inseridas em UC (Unidades de Conservação), que devem ser de domínio público, como os PARNAs, que ainda não foram desapropriadas, com posterior doação das mesmas ao ICMBio. Assim, o proprietário rural fica desonerado da obrigação de manter e/ou recuperar sua reserva legal do imóvel fora da UC (FERREIRA, 2012, p.143).

Estima-se que o valor para indenizar propriedades privadas dentro de todas as Unidades de Conservação (UC) do Brasil é alto e ultrapasse bilhões, mas não se sabe exatamente quanto. Esse Edital surgiu como forma do Instituto Chico Mendes de

⁶Desobrigação; ação de se livrar de um encargo, de uma obrigação ou ônus.

Biodiversidade (ICMBio) conseguir as terras de alguma maneira, seja pela compra/desapropriação ou pela doação de terras.

Como o PNSC possui uma legislação, ele pode multar Canastreiros que descumpram as normas; como por exemplo, a de que não se permitir “calcar” as terras. As multas são aplicadas em cima da lei federal 9985, decreto 8.614, que estipula cada tipo de contravenção e o valor de cada uma. Elas variam de R\$500,00 a R\$50.000.000,00. Se uma pessoa transgredir normas diferentes, ela sofrerá mais de uma multa.

Assim, quem mora na Serra se vê obrigado a vender suas terras em função das possíveis multas. Muitas vezes, essas são maiores que o valor das próprias terras, fazendo com que os proprietários as percam ou tenham que vender a preços inferiores aos de mercado.

1.4 População e Parque Nacional: opiniões contrastantes

Nas entrevistas feitas durante as pesquisas de campo, notamos que as opiniões sobre a criação do Parque Nacional (PARNA) são contrastantes entre os Canastreiros e o Instituto Chico Mendes de Biodiversidade (ICMBio). A grande maioria da população acha que o ICMBio não atua bem diante de questões de emergência, como as queimadas. Segundo os moradores da região, quando ocorrem queimadas, o Instituto demora muito para atuar sobre o incêndio e não aceita a ajuda de quem vive lá. Outros dizem que, pelo tamanho do Parque Nacional da Serra da Canastra (PNSC), o Instituto não consegue dar conta da demanda: são poucos funcionários e pouco equipamento para fazer todo o trabalho. E com a regularização do restante das terras isso pode piorar.

Também afirmam que, apesar do PNSC ser um ponto turístico e ganhar dinheiro com as visitas, as estradas de acesso são ruins e de difícil locomoção. Isso nós mesmas pudemos confirmar, pois a nossa ida à parte alta foi complicada, devido à má condição da estrada, que estava muito esburacada.

Em entrevista, Reinaldo afirma que o verdadeiro Canastreiro sabe cuidar das terras. Ele próprio está preocupado com a preservação e diz que muitas vezes preserva mais que o próprio ICMBio.

“O que eu vejo da atuação do ICMBio é lamentável. Se você for fazer um termo comparativo entre o parque regulamentado e a nossa área, nós estamos muito mais preservados. Vou te dar um exemplo: lá no São Francisco, da nascente até a cachoeira Casca D’anta, você pode contar as árvores e onde tem mata ciliar”.
Reinaldo, morador do Chapadão da Babilônia.

Em contraposição à fala de Reinaldo, Darlan Alcântara de Pádua⁷, analista ambiental do ICMBio, diz que a área regulamentada está bem melhor do que quando foi desapropriada. Conta que o Instituto não faz reflorestamento, e sim uma regeneração natural: cercam a área e deixam que o bioma se recupere sozinho.

Outro fator que a população comenta é sobre não se ver tantos animais. Os Canastreiros dizem que antes do PNSC existiam mais animais silvestres na região. Darlan explica o que aconteceu:

“Muitas pessoas pensam que, depois da criação do Parque, os animais silvestres diminuíram. A verdade é que, antes do Parque, as fazendas alimentavam suas criações e isso atraía os bichos para as sedes. Hoje, como não existem mais essas fazendas, os animais caçam suas comidas no meio do mato. Por isso é que as pessoas não os veem com tanta frequência”. Darlan, analista ambiental do ICMBio.

As pessoas que podem ter suas terras desapropriadas acreditam que é possível preservar e continuar morando na propriedade. A população mais velha não quer deixar o lugar em que sempre viveu, e muitos dizem que não saberiam viver em outro lugar. Darlan entende o lado dos moradores, mas acredita que preservar o meio ambiente é uma causa global que, lá na frente, ajudará todo o planeta.

Alguns Canastreiros não têm uma opinião formada sobre a criação do PNSC, ou pelo menos não tratam essa questão como prioritária. Parte da população local, que mora na zona de amortecimento (ZA), acredita que o Parque é necessário. Mas não notam grandes mudanças por parte dele, somente o aumento do turismo.

Com tudo isso é possível perceber que as opiniões se contrastam, ora por interesse e ora por falta de conhecimento da causa ou do contexto da situação. E, em algum momento, as desapropriações podem acontecer, ou os moradores que estão lutando na justiça, conseguirão pela lei a diminuição da área do PNSC. Todos esses processos podem demorar um bom tempo ainda.

⁷ Em entrevista concedida no dia 11 de janeiro de 2016, na sede do Instituto Chico Mendes de Biodiversidade, em São Roque de Minas, MG.

CAPÍTULO 2 – O Fotográfico

2.1 Fotografia

A imagem não nos dá uma visão única do que seria a realidade, ela nos apresenta várias dimensões do que seria essa realidade. Mas, para Darbon (2005), em função da subjetividade do fotógrafo, do contexto e de condicionamentos sociais e técnicos essa realidade pode ser contraditória: pois o espectador pode interpretar a imagem de uma maneira diferente. Assim, as noções de mundo do espectador também constroem outras tantas realidades no processo de significação das imagens.

Para se interpretar uma fotografia, é necessário observar cuidadosamente os elementos nela presentes. Sua compreensão está ligada às noções de sentido e o modo como cada espectador a analisa. Uma imagem não possui um sentido que seja permanente ou único, pois o sentido de uma imagem se constrói.

O significado de uma imagem está altamente ligado à experiência e ao saber que a pessoa que a aprecia adquiriu anteriormente. Desse modo, a imagem visual não é apenas uma representação da “realidade”, e sim um sistema simbólico. Em função da sua cultura e da sua história pessoal, cada um incorpora modos de representação e de leitura das imagens que lhe são próprios.

“De um simples ponto de vista descritivo, a fotografia não basta” (DARBON, 2005, p.103). Qualquer descrição, seja da realidade ou da imagem, é considerada uma interpretação. E nada pode garantir que a interpretação de tal imagem seja “a correta”.

As imagens, assim como os textos, são artefatos culturais. Tanto um quanto outro têm, portanto numa outra via, traços de quem os produziu, de quem é representado neles, de quem os interpreta, de quem a eles reage e/ou se manifesta a partir deles. Portanto, a produção e análise de registros fotográficos permitem:

“[...] a reconstituição da história cultural de grupos sociais, bem como um melhor entendimento de processos de mudança social, do impacto das frentes econômicas e da dinâmica das relações inter-étnicas. Arquivos de imagens e imagens contemporâneas coletadas em pesquisas de campo podem e devem ser utilizados como fontes que conectam os dados à tradição oral e à memória dos grupos estudados” (Novaes, 1998, p.116).

A relação entre texto e imagem no produto vem como elementos complementares, que juntos conseguem contar as histórias de uma forma clara. Ela acrescenta novos meios de interpretação da história cultural e permite uma compreensão do universo estudado.

A fotografia é um elemento cada vez mais presente no nosso cotidiano. Interagimos com as imagens sem perceber o quanto elas penetram no mundo contemporâneo, transmitindo

e dando forma a valores importantes à nossa cultura. Tais imagens expressam e dialogam com os modos de vida característicos da sociedade que as produz.

As fotografias, por sua vez, o fixam (o espectador) num congelamento do tempo do mundo e o convidam a entrar na espessura de uma memória (...). diante da fotografia, tornamo-nos analistas e arqueólogos. Posturas diferentes do olhar, sobretudo maneiras diferentes de *ver e de pensar o mundo* (SAIMAIN, 2005, p.11).

2.2 Fotografia e identidade

Sou o homem da Canastra
 Repare minha feição
 Carrego marcas do tempo
 Do sol quente de verão
 Com muito orgulho faço
 A minha apresentação
 Minha marca registrada
 São as minhas mãos calejadas
 Trabalho lavrando o chão.

Mas de um tempo pra cá
 Eu vivo preocupado
 O destino de um caboclo
 Nunca pode se mudado
 Não tenho escolaridade
 Sei o que é certo e errado
 Pra garantir o sustento
 Semeio o mantimento
 Nesse solo abençoado.

Eu também acho importante
 Preservar essa beleza
 Mas têm gente arrogante
 Com instinto de grandeza
 Pois sou muito consciente
 Posso dizer com firmeza
 Não sabem que o matuto
 Que planta e colhe o fruto

Que vai para sua mesa.

Aos senhores que competem
 Toda a administração
 Que cuida da fauna e flora
 Que envolve essa região
 Mas o homem da Canastra
 Também merece atenção
 Se ele muda para cidade
 É martírio e crueldade
 Por essa adaptação.

Música: O homem da Canastra (Nengo, Adilson e Ernandes)

A fotografia consegue dizer muito sobre o que ela retrata. Quando, por exemplo, se trata de pessoas, nos retratos, ela traduz um pouco ou um tanto da identidade dos sujeitos fotografados. Expressões faciais, olhares, marcas de expressão e também os cenários onde cada imagem foi tirada, fazem com que o espectador consiga imaginar quem é o sujeito nela representado.

Cada pessoa é como é por uma série de fatores que criam sua identidade, isso também afirma que ninguém é apenas uma coisa só.

“A representação, compreendida como um processo cultural estabelece identidades individuais e coletivas, e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser?” (SILVA; HALL; WOODWARD, 2000, p.18).

Todas essas questões são fortemente notáveis quando o indivíduo se coloca em pose para uma fotografia, o que ele representa no mundo deve estar na imagem. Uma foto representa diversas identidades de uma pessoa, e essas representações produzem significados. E são eles que também dão sentido à nossa experiência e àquilo que somos (Ibidem).

O Canastreiro também possui diferentes identidades. Somente pelo fato de existir um termo para designá-lo já se pressupõe que algo em comum eles têm, e não é apenas o lugar onde estão. A forma como lidam com as terras, como preparam os alimentos, como falam e até como se vestem são parecidas. Eles também têm diferenças entre eles, como a forma de pensar sobre determinados assuntos e sobre quais áreas de mercado é mais atrativa para cada um. Segundo Silva, Hall e Woodward (2000) as questões de identidade e diferença demarcam fronteiras:

A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído. Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções sobre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre “nós” e “eles” (SILVA; HALL; WOODWARD, 2000, p.82).

Ao fotografar um povo deve-se pensar em quem são esses sujeitos, porque e como são assim, quais são suas crenças, culturas e costumes, quais delas são comuns, quais são diferentes, pois as identidades se constroem entre elementos similares, singulares e distintos. Louro (2000) afirma que a demarcação de fronteiras, a imposição de certas identidades como norma e que a diversidade faz com que cada sujeito se torne o que é, dentro do meio que pertence:

A demarcação de fronteiras tem importantes efeitos simbólicos, sociais e materiais. É preciso demarcar o lugar do outro - simbolicamente, indicando o que significa estar lá; social e materialmente, excluindo e separando o sujeito que o ocupa. A linha divisória também diz dos limites da identidade hegemônica. Há que notar que, se a identidade normal é a grande referência, ela também se produz tomando o outro como limite e fronteira. Rejeitado ou negado, o "outro" é, ao mesmo tempo, indispensável (LOURO, 2000, p.12).

A identidade de um povo é constituída de vários elementos. Ela é marcada por diversos símbolos, “A construção da identidade é tanto simbólica quanto social” (SILVA; HALL; WOODWARD, 2000, p.10). Os símbolos são notáveis em vários aspectos, desde elementos regionais, estaduais a nacionais, o indivíduo é formado por diferentes identidades e cada uma delas é adquirida por elementos diversos. Muitas vezes tais elementos são tão cotidianos que passam despercebidos, como as roupas, objetos pessoais, símbolos de fé entre muitos outros. “Essas identidades adquirem sentido por meio de linguagens e dos sistemas simbólicos pelos quais elas são representadas” (Ibidem, p.8).

A própria Serra da Canastra já é um símbolo mineiro. Minas Gerais é conhecida pelas comidas, serras e cachoeiras, e todas essas características são identidades da região. A comida, por exemplo, segundo Silva e Hall é um elemento muito forte para classificação e identificação de identidades:

Aquilo que comemos pode nos dizer muito sobre quem somos e sobre a cultura na qual vivemos. A comida é um meio pelo qual as pessoas podem fazer afirmações sobre si próprias. Ela também pode sugerir mudanças ao longo do tempo bem como entre culturas (SILVA; HALL; WOODWARD, 2000, p.43).

Na Serra, como praticamente em Minas Gerais inteira, o pão de queijo, a goiabada, o cafezinho e o queijo são itens presentes na mesa e fazem parte da identidade do mineiro. Em todas as casas que visitamos a hospitalidade era visível e sempre fomos chamadas para tomar um café, acompanhado sempre de bons quitutes e de queijo. O Queijo Canastra é a afirmação

de uma identidade local, passado de geração em geração. E hoje ganhou, não só o sudeste brasileiro, mas o mundo. O modo de fazer artesanalmente juntamente com o clima, vegetação e gado local fazem dele uma iguaria que representa a área rural da região.

Todos esses símbolos reafirmam identidades de um povo: o lugar onde cada indivíduo está inserido e suas relações sociais fazem com que o sujeito assuma determinadas identidades. “Somos constrangidos, entretanto, não apenas pela gama de possibilidades que a cultura oferece, isto é, pela variedade de representações simbólicas, mas também pelas relações sociais” (Ibidem, p.18).

Ao analisar as identidades de um povo devemos não só olhar de um modo geral, mas ter o olhar e a audição aguçada para percebermos os pequenos elementos simbólicos. A linguagem é um deles, a forma de falar do indivíduo diz muito sobre quem ele é e sobre o contexto em que ele está inserido.

O povo Canastreiro tem essa identidade muito marcada. Em entrevistas, conversamos com algumas pessoas da região e podemos notar discursos parecidos e também conflitantes sobre a criação do Parque, sobre as atuações do Instituto Chico Mendes de Biodiversidade (ICMBio) e Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), sobre a relação com as terras e também sobre o modo de vida na região.

Dentre os elementos identitários mais marcantes desse povo, encontramos a simplicidade, a paixão pela terra, o acolhimento, os rostos marcados pelo trabalho ao sol, as mãos calejadas pelo trabalho no campo. Essas diversidades acompanham a fonte de renda: alguns fazem o queijo Canastra; outros têm pousadas para receber turistas que se encantam com a paisagem; outros lidam com a agropecuária, criando gado e plantando milho, soja e café. Muitos não se prendem apenas a um tipo de negócio e caminham entre todos esses tipos de mercado.

2.3 Fotografia-documento e Fotografia-expressão

do.cu.men.to

sm (lat documentu) **1 Dir** Instrumento escrito que, por direito, faz fé daquilo que atesta; escritura, título, contrato, certificado, comprovante. **2** Escrito ou impresso que fornece informação ou prova. **3** Qualquer fato e tudo quanto possa servir de prova, confirmação ou

testemunho. **4 *obsol*** Aquilo que ensina, que serve de exemplo. **5** Escrito oficial de identificação pessoal.⁸

Pelas definições acima, documento é tudo aquilo que comprove algo. A fotografia ainda é vista, muitas das vezes, como uma forma de expressão que se presta a fazer o papel de prova.

Sabemos que as imagens fotográficas podem ser manipuladas, não apenas no sentido mais óbvio de edições exageradas e enganadoras no *Photoshop*, *Lightroom*, ou quaisquer outros *softwares* ou processos distintos, que alterem o referente que a originou. Mas principalmente no sentido de que não se pode ser imparcial, isento diante da produção de uma foto, pois já na sua captação cada um escolhe um enquadramento, uma posição, um recorte e perspectivas diferentes sobre o que pretende produzir.

O seu poder aparente de reproduzir fielmente a realidade empresta-lhe um caráter documental e ao mesmo tempo imparcial da vida social. Mas essa aparente imparcialidade não se sustenta diante das possíveis e prováveis manipulações do próprio operador e pelas exigências dos seus mandantes. Por outro lado, a importância da imagem fotográfica não resulta do fato de ela ser somente uma criação, mas sim da sua eficácia em conformar ideais e influenciar comportamentos (PROCOPIAK, 2001, pg.169).

Entretanto, a afirmação de manipulação não tira da fotografia seu valor documental. As imagens de Lewis Hine, sobre crianças imigrantes que trabalhavam em fábricas no início do século XX nos Estados Unidos, foram consideradas provas no “Congresso Americano no estabelecimento do U.S Children’s Bureau, em 1912, e na futura proibição do trabalho infantil, em 1938” (FOLTS; LOVELL; ZWAHLEN; 2007, p.389). Assim a fotografia passa a se tornar uma importante ferramenta para denunciar problemas sociais.

⁸DOCUMENTO. In: Michaelis Dicionário Escolar Língua Portuguesa. Disponível em: www.michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=documento. Acesso 23/05/2015 15h30



Figura 1. Lewis Hine, Spinner in New England, 1913.

Neste universo da fotografia como prova visual, os trabalhos de Jacob Riis (1849-1914), Lewis Hine (1874-1940) e John Thomson (183-1921) se diferenciaram de grande parte das produções de arquivos de sua época porque iam além de registrar a realidade, pretendiam que a transparência da imagem proporcionasse uma intervenção social (outro ponto caro à noção de documentário) (MAIA, 2013, p.27).

O conceito de fotodocumentário vai além de comprovar fatos através de imagens. Esse gênero tem como compromisso expressar o “real”, ou muitas vezes se aproximar dele com a maior verossimilhança que puder. O documental também passa a ser um meio, uma busca de/por mostrar conflitos da sociedade, desde fatos cotidianos, muitas vezes imperceptíveis, a problemas de grande foco social, como guerras, injustiças, desigualdades. Ela também se propõe a registrar a passagem do homem em sua época.

Na segunda metade do século XIX, a fotografia-documento estava presente em várias áreas de conhecimento. De um modo geral, ela conseguiu ampliar a área do visível: as pessoas puderam conhecer lugares, coisas, animais, plantas, pessoas, entre outros, sem necessariamente estar lado a lado com aquilo. Mas por outro lado, para André Rouillé, o fato de ela, de alguma forma, substituir o mundo que representa, traz alguns perigos.

Graças a ela (fotografia-documento)⁹, a exterioridade ameaçadora do mundo torna-se, no salão burguês, íntima e aconchegante. Mas, a tranquilidade tem um preço: a relação, às vezes perigosa, vivida com o mundo é delegada a um terceiro (o

⁹Grifo meu

fotógrafo) e substituída pela relação visual com as imagens. O mundo começa a transformar-se em imagem (ROUILLÉ. 2009, p.100).

No final da Primeira Guerra Mundial, a maioria dos jornais já tinham equipes de fotojornalistas. "O caráter informativo da fotografia teve bastante destaque e ganhou força durante os períodos de guerra, quando houve uma grande aliança entre a fotografia e a imprensa e o surgimento da figura do fotorrepórter" (OSORIO, 2013, p22). Nesse período surgiram também as primeiras revistas ilustradas na Europa e, posteriormente, nos Estados Unidos. A revista *Berliner Illustrirte Zeitung*, da Alemanha, foi a pioneira. Na América do Norte, a revista mais importante foi a *Life*: "Antes do surgimento dos noticiários de televisão, o público aguardava ansiosamente para ver como a *Life* iria cobrir uma história" (FOLTS; LOVELL; ZWAHLEN, 2007, p.391).

Com o surgimento da televisão, a fotografia-documento ganhou seu principal inimigo e perdeu uma parte da sua força de impacto. A televisão tornou-se o principal meio de divulgação dos eventos e, com isso, esse gênero fotográfico começou a perder sua ligação com o mundo. Segundo Rouillé (2009) a fotografia documental teve seu apogeu com o fim da segunda guerra mundial, época que a sociedade buscava novas modernidades, e afirma que um dos aspectos da crise foi a perda do elo com o mundo.

Outro ponto que Rouillé (2009) traz é que, com a transição de uma sociedade industrial para uma sociedade de informação, além de perder espaço, a fotografia-documento dá lugar para a fotografia-expressão, esta engloba acontecimentos, mas não os representa.

A verdade do documento não é a verdade da expressão. Outras imagens, outras tecnologias parecem dispor de trunfos mais bem adaptados aos tempos atuais. A fusão entre a fotografia e as redes digitais constitui uma resposta parcial à situação. Quanto à fotografia-documento, está por demais presa às coisas e às substâncias, muito ligada a paradigmas técnicos e econômicos de um tempo findo para não sofrer o choque das mutações em curso (Ibidem, p.139).

A fotografia-expressão não é oposta à fotografia-documento, a primeira carrega algumas finalidades do documental, contudo Rouillé (2009, p.161) diz que ela "[...] propõe outras vias, aparentemente indiretas, de acesso às coisas, aos fatos e aos acontecimentos. Tais vias são aquelas que a fotografia-documento rejeita: a escrita, logo, a imagem; o conteúdo, logo, o autor; o dialogismo, logo o outro".

A fotografia-expressão requer o uso de práticas e métodos específicos que conseqüentemente resultam em um produto diferenciado, fruto de um processo de trabalho que vai além da apuração prévia do tema. Possui também como característica o olhar interpretativo e um maior apuro estético, o que resulta em uma linguagem fotográfica menos subordinada às convenções (HORN, 2010, p.7).

A partir dessa nova visão os fotógrafos passaram a ter mais autonomia e a buscar novas formas de se fazer fotografia, também dispuseram de mais tempo para elaborar cada projeto e começaram a trabalhar novas técnicas nas fotografias, como o borrado e a sobreposição. Além de colocarem um pouco de si no trabalho, deixando-se interferir. Assim a fotografia-expressão também dialoga com a arte.

Com o início da era digital, a fotografia ganhou um novo patamar. Ela tornou-se mais ágil, rápida, acessível e está em todos os lugares. Como meio de informação na *web*, a fotografia informa e comprova os fatos, tornando-se documento e expressão.

2.4 Fotodocumental e Retrato

O fotodocumentário é um produto mais elaborado, justamente por ser composto por um “conjunto de fotografias, que podem ser acompanhadas ou não de textos explicativos” (BONI, 2008, p.1). Ele necessita de um planejamento e uma produção qualificada, podendo demorar anos para ser concluído. Com o propósito de se documentar um fato em profundidade, o fotodocumentário é o melhor modo para se informar algo sobre um assunto específico.

Ao iniciar o fotodocumentário, o fotógrafo precisa de um conhecimento antecipado sobre o objeto de estudo e das condições para desenvolver o seu trabalho.

A necessidade e importância dessas fotografias são indiscutíveis. É por meio delas que pessoas adquirem conhecimento sobre episódios inaceitáveis que ocorrem no planeta e podem se mobilizar e/ou agir para modificar a situação. Sem elas, milhares de indivíduos, afetados por problemas sociais como miséria, guerras, intolerância étnica e religiosa, não receberiam ajuda humanitária. Além disso, a degradação do meio ambiente e a extinção de animais silvestres também estariam fadadas à obscuridade (BONI, 2008, p.3).

Na maioria das vezes esse tipo de fotografia explora problemas que afetam a sociedade, como: fome, conflitos étnicos e religiosos, desigualdade social e guerras. Mostrando ao mundo esses distúrbios, ele contribui para que pessoas possam agir e modificar os fatos e realidades.

Com o aperfeiçoamento dos fotojornalistas, não basta apenas fotografar para ilustrar jornais com imagens aleatórias. O fotógrafo separa o que é relevante socialmente e o que não é, de modo que as fotos complementem o texto. O fotográfico também deve contar a história.

O que motiva o fotógrafo a registrar um momento, uma ação, uma pessoa ou uma sequência de eventos? Como esses registros são colocados juntos, para que contem uma história? São esses os questionamentos que guiam os foto-documentaristas e suas produções.

A fotografia documental é definida como aquela que se propõe a registrar a passagem do homem em sua época. Esse gênero fotográfico trabalha com uma grande diversidade de

propostas éticas e estéticas, e é considerado um dos ramos mais pessoais da fotografia contemporânea. Temas sociais, impressões sobre o mundo, vida cotidiana, cenas de guerra, registros de viagens e os mais diferentes tipos de fotografias, podem ser classificados como documentais. Toda imagem pode ser considerada um documento e uma representação da estrutura social de uma época.

Solidificado nos anos 1930, esse modelo é marcado por documentaristas como o escocês John Thomson (1837-1921), o dinamarquês Jacob Riis (1849-1914), a americana Margaret Sanger (1879-1966) e o alemão Heinrich Zille (1858- 1929), que se dedicaram de forma apaixonada à fotografia social.

Com técnicas e processos específicos, o material produzido nesse tipo de fotografia possui características próprias. Esse tipo de trabalho exige um estudo prévio do tema e a criação de plataformas de abordagem. O intuito dessas pesquisas é descobrir todas as particularidades que caracterizam a identidade do tema, como fatos históricos, sociais e culturais.

O uso do retrato no fotodocumental é para se mostrar algo além da “cara” exterior da pessoa ou grupo em questão. O retrato no documentário tem a função de apresentar os personagens ao público que o vê, mostrar como são as pessoas, como elas vivem, porque são assim e como o meio em que vivem interfere em suas identidades.

O retrato fotográfico foca no indivíduo. E como documento comprova a existência do sujeito, seja em documentos oficiais, como Registro Geral (RG) ou para recordação de família.

Representação honorífica do eu burguês, o retrato fotográfico populariza e transforma uma função tradicional, ao subverter os privilégios inerentes ao retrato pictórico. Mas o retrato fotográfico faz bem mais. Contribui para a afirmação moderna do indivíduo, na medida em que participa da configuração de sua identidade como identidade social (FABRIS, 2004, p.38).

Um dos principais motivos que levam os fotojornalistas a produzirem retratos é que os leitores anseiam por conhecer a fisionomia e a personalidade dos personagens descritos nas matérias. Por isso, alguns elementos, como as expressões corporais e faciais são tão importantes. “De acordo com Carnavilhas (2008), o “quem” da notícia na web exige que se associe o nome da personagem a uma fotografia por tratar-se de um elemento fundamental da notícia” (CARNAVILHAS, 2013, p.112).

O retrato sempre foi uma das principais formas de representar o outro e ao mesmo tempo colocar um pouco de si (do autor) na representação. Colocar o outro em evidência é também colocar o “como eu vejo o outro” e também “como o outro quer ser visto” a partir de poses e outros elementos que compõem o indivíduo e sua identidade.

Colocar-se em pose significa inscrever-se num sistema simbólico para qual são igualmente importantes o partido compositivo, a gestualidade corporal e a vestimenta usada para a ocasião. O indivíduo deseja oferecer à objetiva a melhor imagem de si, isto é, uma imagem definida de antemão, a partir de um conjunto de normas, das quais faz parte a percepção do próprio eu social (FABRIS, 2004, p.36).

A pose também está presente no fotojornalismo e no fotodocumentário. Apesar de tentarem ser uma representação da realidade, isso não tira o valor documental da imagem, é apenas mais uma interferência e cabe ao fotógrafo utilizar isso para fazer um bom trabalho. A fotografia-expressão utiliza muito bem todos os aspectos e os tornam recursos para um bom resultado.

CAPÍTULO 3 – O Produto

O nosso produto é baseado no processo de produção fotodocumental. Contudo, muitas informações coletadas nas visitas de campo não puderam ser fotografadas, ora por serem histórias do passado, ora por condições climáticas, ora pelas dificuldades financeiras e estruturais que encontramos para retornar à Serra mais vezes e aprofundar a captação. Sendo assim, a utilização dos recursos fotográficos, audiovisuais e textuais em alguns temas é mais destacado que em outros. Esses destaques se deram também por questões editoriais que explicaremos mais abaixo.

O resultado desse trabalho de conclusão de curso é o *site*, <http://serradacanastratcc.wix.com/dovelhochicoaqueijo>, construído a partir de um conjunto de imagens fotográficas, produzidas numa perspectiva fotodocumental, e associadas a textos e materiais audiovisuais complementares sobre a população rural da Serra da Canastra, Minas Gerais. Nele, são evidenciadas algumas das economias locais, as identidades dos Canastreiros e a relação entre moradores e o Parque Nacional. O produto está hospedado na plataforma *Wix*.

3.1 Pré-produção

A elaboração do produto partiu de pesquisas prévias sobre a região e sobre a problemática das desapropriações, através de matérias, reportagens, pesquisas e documentos oficiais que abordam a região. O segundo passo foram as visitas de campo, para conhecermos melhor a localidade, alguns personagens e entender o ponto de vista dos Canastreiros. Também fizemos uma prévia documentação fotográfica e escrita do espaço, focando mais em contextualizar o local em que estas pessoas estão inseridas, e avaliar as belezas naturais que precisam de preservação e também como são as práticas econômicas da região.

A partir desse ponto elaboramos como iríamos fazer a construção do material fotográfico com viés fotodocumental. Passamos a pensar em usar os personagens e suas identidades para contar as histórias e, principalmente, dizer o que é a região e como ela está presente no Canastreiro. O foco do produto é expor as ligações entre os moradores e o lugar, destacando como esses indivíduos fazem da Serra da Canastra o que ela é hoje. E através, fundamentalmente, da fotografia evidenciar as identidades presentes no local.

O último passo foi decidir onde divulgaríamos o nosso produto. Optamos pelo *online* pelo fato da fotografia ter um grande valor nesse meio. Como as formas de comunicação na *web* são instantâneas e podem alcançar um grande público, isso cria vantagens para se

comunicar por meio de imagens, pois a percepção visual é mais rápida. E, na internet os tamanhos e a quantidade das fotos podem variar de acordo com o nosso interesse. Assim, aproveitamos os recursos visuais ao máximo para atrair o interesse do público.

Visitamos a Serra da Canastra em janeiro e em maio de 2015, no Chapadão da Babilônia, para conhecermos a região e um pouco da sua história, conforme já dito antes. Em janeiro de 2016, realizamos uma visita um pouco mais longa, para a última captura de tudo o que queríamos de fato. Criamos um cronograma com: os contatos das fontes, os personagens e as informações necessárias para a produção de conteúdo. Ficamos uma semana na região conhecendo os moradores e suas rotinas, e as belezas naturais do local. Devido aos gastos referentes da visita, não pudemos ficar mais tempo – os custos das pousadas e hospedarias não são baixos para nossa condição financeira, o que não nos permitiu mais incursões *in loco*.

3.2 Diário de campo - Produção

Decidimos a data para uma visita de campo um pouco mais longa, a fim de registrar e captar o máximo de material. Escolhemos de 11 a 15 de janeiro de 2016, por ser uma época de férias. A partir daí, criamos um cronograma com contatos das fontes de informação e também com os personagens.

Para sistematizar como foi o processo das visitas, entrevistas e captação de conteúdo, elaboramos um diário de bordo, apontando os principais pontos de cada um desses processos. Enfatizamos questões como:

1. Um breve resumo geral da visita.
2. Entrevistados (recepção, interação e conteúdo).
3. O que o material captado tem de importante e relevante.
4. Como utilizamos esse conteúdo no produto.

- **Primeiro dia: 11 de janeiro de 2016, segunda-feira.**

1. Visão Geral: Ambas saímos de nossas cidades, Franca, SP, e Lavras, MG, de madrugada e nos encontramos em Piumhi, MG, por volta das 7h da manhã. Seguimos cerca de 50 km de carro até Vargem Bonita, MG, onde nos acomodamos na Pousada Savana. Pegamos a estrada novamente e, 20 km depois, chegamos a São Roque de Minas, MG, para uma entrevista com o Instituto Chico Mendes de Biodiversidade (ICMBio). Fomos recebidas por Darlan Alcântara de Pádua, um dos analistas ambientais do Instituto. Nossa conversa durou cerca de 1h30m e foi muito produtiva.

Ao acabar a entrevista, fomos na loja da Maria Lúcia Pereira Oliveira, que seria nossa entrevistada da terça-feira, para pegar o mapa do sítio dela e do marido, Ivair José de Oliveira.

Fomos almoçar e depois decidimos conhecer o chapadão da Canastra, área regulamentada do Parque Nacional na Serra da Canastra (PNSC). Entramos pela portaria 1, em São Roque de Minas. No caminho, nos deparamos com cachoeiras, belas paisagens do cerrado, gaviões e uma estrada muito esburacada. Passamos pela nascente do Rio São Francisco, onde tinha pequenos peixes, e também a imagem de São Francisco de Assis, santo que dá nome ao rio.

A próxima parada foi no Curral de Pedras. O local é composto por muros de pedras construídos sem argamassa que possuem uma forma arredondada. Seguimos para a parte alta da maior queda do rio São Francisco: a cachoeira Casca D'anta. A parte alta da cascata é um grande poço, com vista para o precipício. Não ficamos muito tempo por lá pois a estrada estava muito ruim e o tempo ameaçava chuva. Como no local havia alguns carros 4x4 indo embora, decidimos segui-los para, caso atolássemos ou ficássemos em um buraco, os motoristas nos ajudariam.

Na volta, um dos carros 4x4 caiu em uma vala na estrada e precisou da ajuda dos outros motoristas para sair. Tivemos momentos complicados na estrada, mas nos saímos bem. Voltamos para a pousada, jantamos e dormimos.

2. Entrevistados (recepção, interação e conteúdo): Darlan Alcântara de Pádua, analista ambiental do ICMBio, foi muito atencioso e respondeu todas as perguntas feitas. Demonstrou conhecer muito bem a região e todos os problemas citados; não fugiu de nenhum assunto e colocou bem o ponto de vista do Instituto. Darlan também disse algumas opiniões pessoais sobre diversos assuntos relativos ao PNSC e sobre a região.
3. O que o material captado tem de importante e relevante? A fala de Darlan é importante para o produto, pois além de contrastar com as opiniões de alguns moradores, ela também é esclarecedora em relação a vários pontos em que tínhamos dúvidas. Ele apontou o porquê da criação do PNSC, o que mudou desde 1972, como o Parque vê a população e qual é a importância dele para a região e para o país.
4. Como utilizamos esse conteúdo no produto? Usamos o material para falar do PNSC, expor opiniões contrastantes e entender o que ele muda na vida de quem vive lá.

- **Segundo dia: 12 de janeiro de 2016, terça-feira.**

1. Visão Geral: Acordamos às 5h30 e seguimos para o sítio do Ivair e da Lúcia, localizado na saída de São Roque de Minas para Bambuí. Quando chegamos, lá estava sem energia e por isso a ordenha seria manual.

Acompanhamos a ordenha das vacas: primeiro há o processo de higienização das tetas, depois o teste de mastite (que serve para diagnosticar se as mamas da vaca estão inflamadas) e por último uma injeção de ocitocina, um estimulante para a liberação do leite. Fotografamos todo o processo, e depois participamos da ordenha da primeira leva de vacas. Documentamos a segunda leva da ordenha e fomos conversar com Lúcia. Ela nos contou a sua história e do marido, a relação com o queijo e com o lugar.

Seguimos para as queijeiras. A primeira é a mais antiga: lá faziam o queijo antes da regularização, o local é bem rústico e pequeno. Os queijos com mais de um ano de maturação (processo para curar o queijo) ficam armazenados neste local. Depois fomos para a nova queijeira. Para entrar tivemos que vestir uma roupa específica: calça e blusa brancas e uma galocha branca. O local é bem maior e possui todo o preparo necessário para fazer um queijo com a higiene adequada. A queijeira ainda não está completa, falta apenas alguns arranjos, como os armários, o latão de alumínio para o recebimento do leite, etc. Mas como estão dentro do prazo estipulado pelo Instituto Mineiro de Agropecuária (IMA), podem comercializar os queijos.

Participamos de todo o processo da fabricação do queijo, desde a limpeza do local até onde desinformam (tirar o produto do molde que dá forma a ele) os queijos do dia.

2. Entrevistados (recepção, interação e conteúdo): Fomos muito bem recebidas. O casal estava disposto a nos contar sobre tudo, interagiram facilmente e conseguimos obter um bom conteúdo com a visita.
3. O que o material captado tem de importante e relevante? O material tem todo o processo da fabricação do queijo, e também histórias da vida do casal: desde as gerações anteriores até como decidiram fazer uma queijeira regulamentada.
4. Como utilizamos esse conteúdo no produto? Esse material foi usado para falar do Canastreiro que faz o queijo, mostrar o processo de produção e evidenciar o valor do produto que representa muito bem a região.

- **Terceiro dia: 13 de janeiro de 2016, quarta-feira.**

1. Visão Geral: Acordamos por volta das 7h e fomos para São José do Barreiro, distrito de São Roque de Minas, a cerca de 50 km de Vargem Bonita. Lá procuramos uma dupla de violeiros que cantam músicas da região. Paramos em uma padaria para tentar encontrá-los e conversamos com Walter Wanderley Cunha, dono do local. Ele nos contou algumas histórias e disse onde um dos violeiros morava.

Chegamos então à casa de Ernandes de Almeida. Casa simples, de gente muito acolhedora. Ele logo ligou para o primo que faz dupla com ele, Adilson Rafael de Almeida. Este estava tomando conta de uma pousada junto com a família. Então, acompanhadas de Ernandes, seguimos para a pousada.

Ao chegarmos, Adilson nos acolheu muito bem e foi logo buscar a viola. Os dois tocaram diversas músicas, tanto deles como composições que gostam. Enquanto cantavam, fizemos fotos da dupla e do local, e gravamos algumas canções.

Logo após a cantoria fomos tomar um café. Sentados em volta da mesa, eles contaram muitas outras histórias sobre a região. Despedimo-nos de Adilson e levamos Ernandes para casa. O café foi tão bom que não almoçamos.

Aproveitamos que estávamos perto da portaria do Parque (a de São José do Barreiro) e fomos conhecer a parte baixa da cachoeira Casca D'anta. Como chovia bastante na época da visita, a queda d'água estava extremamente forte e volumosa. Em vista disso, não pudemos entrar na água. Fomos fotografando enquanto dava, mas, a uns 15 metros da queda, já sentíamos os respingos d'água e guardamos as câmeras. A, aproximadamente, uns 5 metros, ficamos completamente molhadas e foi impossível fotografar a magnitude da cachoeira. Fomos embora e durante o caminho paramos em alguns lugares para tirar fotos da serra.

2. Entrevistados (recepção, interação e conteúdo): Muito conversadores, Adilson e Ernandes nos contaram várias histórias pessoais e sobre a Canastra. Entre elas, destacaram a época de trabalho no garimpo e na mineradora de diamantes. Falaram sobre a questão das desapropriações e suas opiniões sobre o Parque.
3. O que o material captado tem de importante e relevante? A captação de vídeos e fotos dos violeiros tocando e cantando é importante para evidenciar a cultura local, onde a música sertaneja possui grande público. A conversa enquanto tomávamos café é relevante, pois falam do garimpo, uma economia que hoje é proibida na região, e também abordam as

desapropriações. O material captado na cachoeira Casca D'anta é importante para mostrar a beleza local e também a natureza. As fotos tiradas no caminho mostram belas paisagens e também as marcas do garimpo.

4. Como utilizamos esse conteúdo no produto? Os vídeos e fotos dos violeiros foram usados para falar da cultura local. A entrevista foi usada tanto para falar de relatos do garimpo, quanto para dizer as opiniões do povo em relação ao PNSC. As fotografias na Casca D'Anta foram utilizadas para falar do Parque Nacional (PARNA) e também das belezas naturais. E as imagens que captamos no caminho foram utilizadas para falar da Serra da Canastra e também das marcas do garimpo.

- **Quarto dia: 14 de janeiro de 2016, quinta-feira.**

1. Visão geral: Acordamos às 6h e seguimos para uma fazenda, próxima a São Roque de Minas, onde André Oliveira Faria planta soja, milho e café. A área onde André cultiva é do pai, que trabalha com gado leiteiro e de corte.

Conversamos com ele e com a família sobre a propriedade, a produção, as histórias do lugar e as diferenças entre cada tipo de plantação. Depois fomos conhecer as plantações de milho e soja, localizadas próximas da sede. O café e o gado para corte estão em outra parte das terras da família.

Como estávamos próximos a São Roque de Minas, cerca de 10 km ou um pouco menos, decidimos ir almoçar e abastecer o carro. O plano inicial era seguir para uma reserva ambiental particular; porém como havia chovido muito, a estrada de terra estaria ruim. Então, voltamos para a pousada, em Vargem Bonita.

2. Entrevistados (recepção, interação e conteúdo): No início da entrevista, André estava tímido e respondia as perguntas com poucas palavras. Como ele estava retraído, optamos por não gravar a entrevista, pois isso poderia deixá-lo desconfortável. Com o tempo, ele se soltou e nos contou sobre suas plantações. Apesar da timidez, ele nos tratou muito bem.
3. O que o material captado tem de importante e relevante? A conversa com André foi importante para entendermos um pouco sobre a agricultura, os cuidados que cada tipo de plantio recebe e como é a rotina de trabalho dos agricultores da região. Vimos como uma família unida consegue administrar vários tipos de tarefas em uma fazenda e como cada serviço é importante para o resultado final.

4. Como utilizamos esse conteúdo no produto? A entrevista foi usada para explicar um pouco sobre os tipos de plantações mais comuns na região e para contar sobre a relação que os moradores possuem com a terra. As imagens servirão para caracterizar o personagem e as plantações; além de mostrar o tipo de maquinário usado para a colheita dos cereais.

- **Quinto dia: 15 de janeiro de 2016, sexta-feira.**

1. Visão geral: Acordamos por volta das 5h30 e seguimos viagem para a parte rural de São Roque de Minas. O local de visita do dia era a fazenda de Guilherme Ferreira, no Km 3 da estrada que liga São Roque de Minas e Bambuí, MG, o produtor de queijo Canastra mais conhecido do país. Seu queijo ganhou o segundo lugar no Mundial de Queijos, realizado na França.

Ao chegarmos à fazenda, o caseiro nos acompanhou até o curral e nos mostrou a preparação das vacas, que ocorre antes da ordenha. As vacas, pressas no curral, são lavadas e separadas (as que vão ser ordenhadas e as que não). De quatro em quatro, são levadas para a área da ordenharia e preparadas: as tetas são higienizadas e recebem a injeção de ocitocina. São tirados cerca de 300 litros de leite por dia.

Antes de entrarmos na queijeira, entrevistamos o Guilherme. Formado em veterinária, ele resolveu mexer com o queijo por influência do pai, que era produtor. Seu queijo é preparado com muita higiene e cuidado. São feitos, em média, 25 peças de queijo por dia. E, segundo Guilherme, seu produto é tão bom que até o *chef* Henrique Fogaça, do Master Chef Brasil (apresentado pela emissora Band), usa em seu restaurante na capital paulista.

Terminadas as entrevistas, seguimos viagem até Piumhi, onde nos separamos e cada uma retornou para sua casa.

2. Entrevistados (recepção, interação e conteúdo): Ao chegarmos à fazenda, quem nos recebeu foi o caseiro. Muito simpático, ele nos explicou todos os processos detalhadamente, desde a ordenha até a fabricação do queijo, e sempre tirava nossas dúvidas.

Quando conversamos com Guilherme, também sentimos sua preocupação em esclarecer quaisquer dúvidas. Contou sua história com o queijo, suas ideias para aprimorar o produto e as melhorias que pretende fazer na fazenda, a fim de atrair mais turistas e compradores.

3. O que o material captado tem de importante e relevante? O material retrata todo o processo de fabricação do queijo de um produtor que possui uma demanda maior (cerca de 25 queijos/dia), e a rotina de trabalho da equipe. Conta à história daquele que pôs a profissão de lado para seguir os passos do pai, como produtor rural. E nos permitiu ainda fazer comparações entre um modo de produção menor, como a do Ivair, que havíamos visitado anteriormente e ainda está na fase inicial de expansão de mercado, e a do Guilherme, que já construiu um mercado sólido, com um produto reconhecido internacionalmente e que cresce a cada dia.

4. Como utilizamos esse conteúdo no produto? Esse material foi usado para aprofundar ainda mais o tema da produção do queijo e falar do Canastreiro que o produz. Ele mostra o processo de produção e evidencia o valor do produto, que representa muito bem a região.

3.3 Pós-produção

3.3.1 – Escolha da plataforma WIX

Ao pensar em como o produto seria apresentado, optamos pela *web*. Procuramos formas de utilizar a fotografia como eixo principal, atrelada a textos e vídeos, para obter um conteúdo de qualidade. Por isso escolhemos criar um *site*, que além de atender todos os pontos a serem trabalhados, possui uma interatividade maior e uma navegação simples. A plataforma *Wix* possui layouts gratuitos que atendem nossas necessidades. Por não ser necessário um conhecimento de programação, a ferramenta é relativamente fácil de trabalhar.

O *Wix* possibilita a interatividade com as redes sociais e, por ser um *site*, pode atingir um grande público. Por ser hipermídia, nela é possível publicar textos, fotos (em diversos formatos, inclusive em GIF), vídeos, áudios e *links*. Isso faz com que possamos explorar outras linguagens, além da fotografia, para melhor compreensão do expectador sobre a temática do produto e também para abordar dados e conteúdos que a fotografia sozinha não consegue. Os *layouts* têm padrões, porém o usuário da plataforma pode manipulá-los. Assim, é possível fazer um planejamento visual para que o produto remeta ao seu tema. Por exemplo: há possibilidades de mudar as paletas de cores, fontes, posição de menus, criação de outras páginas, tudo para que os que utilizam a plataforma possam montar o site da maneira desejada.

3.3.2 Referências para o formato do produto

A fotografia, como um dos principais meios visuais, é fundamental para a web, tanto que alguns veículos de comunicação criaram formas de tratar a fotografia como guia da notícia. O pioneiro foi o *blog The Big Picture*, pertencente ao jornal norte americano *The Boston Globe*. Criado em 2008, por Allan Taylor, o *blog* foi um sucesso para a época, em apenas 20 dias teve 1,5 milhões de *pageviews* e cerca de 1500 comentários. “Assim como o nome revela (o *blog The Big Picture*), traz extensas coberturas em grande formato, sob o ponto de vista de diferentes fotojornalistas” (FONTINHA, 2012, p.265). Em 2011 Allan Taylor deixou o *Boston Globe* (porém o jornal manteve o *blog The Big Picture*) e levou o projeto para a revista norte americana *The Atlantic*, rebatizando-o como *In Focus* (um novo *blog*).

O criador busca construir narrativas com as imagens de diversos fotógrafos, sempre sobre um mesmo tema, criando uma ordem. Esses projetos influenciaram a mídia online a usar a fotografia como norte das matérias. Vários portais, ao falarem de um tema relevante, criam galerias de fotografias para contar histórias, como o G1¹⁰ que utilizou esse recurso quando falou sobre o enterro de Eduardo Campos em 2014.

3.3.3 Planejamento e conteúdo do *site*

O primeiro passo para a criação de conteúdo do *site* foi a escolha das fotos. Nas visitas realizadas na Serra da Canastra, produzimos uma grande leva e escolhemos as que melhor caberiam no produto. Primeiramente, as separamos por temas: a Serra, o Parque, o queijo, a agropecuária, o garimpo e a cultura. Em seguida, editamos uma a uma no *Lightroom* e algumas no *Photoshop*. No *Lightroom*, melhoramos o contraste, o brilho, a saturação. Demos mais cor e vida às fotos, que estavam às vezes um pouco mais opacas por conta do clima chuvoso.

Em seguida, decidimos sobre o planejamento visual, o *design* da informação. Escolhemos um *layout* que desse destaque à fotografia, que é o ponto chave do trabalho. Optamos por aquele onde poderíamos colocar as fotos, em tamanhos grandes, abordando a tela quase que inteira. Queríamos também, aquele em que o leitor pudesse achar os temas rapidamente.

Separamos o conteúdo por dois grandes temas: A Serra e O Queijo, que são duas características marcantes de Minas Gerais. A partir desse ponto, subdividimos esses temas em outras páginas para aprofundar os demais assuntos.

¹⁰ Portal de notícias do grupo Globo

O menu Serra foi dividido da seguinte maneira: Serra, Parque, Garimpo, Cultura, Turismo e Agropecuária. O menu Queijo foi dividido em: Queijo, História e Produção. Criamos uma página para anexar o memorial em PDF e outra para falarmos sobre nós, as autoras. Todos esses links, acessados sequencialmente, possuem uma narrativa complementar, que aproxima o leitor da história que nos propusemos a contar.

Dividimos os textos a serem escritos e os fizemos de maneira que se relacionassem com as fotos escolhidas, para que juntos contem uma história. Eles foram produzidos com bases nas pesquisas, entrevistas e apurações realizadas. Durante toda a produção tentamos ser o mais imparcial que pudemos sobre os assuntos discutidos, buscando apresentar os fatos apurados da forma mais isenta possível. Isso foi necessário devido às diversidades de opiniões e posicionamentos que encontrávamos às vezes sobre os mesmos assuntos.

Para o layout do site pensamos em páginas limpas, com fundo branco e texto em preto, na fonte *Overlock*. Optamos por tais escolhas para evidenciar a fotografia, já que com o fundo branco ela ganha um maior destaque. Os textos em preto contrastam bem com o fundo e com as imagens. A escolha da fonte aconteceu por diversas tentativas, e acabamos optando por uma mais básica. Durante as visitas, percebemos que as propagandas do turismo local utilizam fontes parecidas, porém, algumas não se encaixavam em textos longos e a *Overlock* acabou sendo a melhor escolha.

Para evidenciar as imagens utilizamos dois recursos. Primeiramente, em tela inteira horizontal, colocamos as imagens que junto com os textos contam histórias. A segunda forma foi a criação de galerias para as imagens que, de alguma forma, completassem essas histórias.

Por se tratar de um meio que permite o uso de recursos multimídia, além das fotografias e da parte escrita, usamos os vídeos feitos durante as visitas a Serra e alguns colhidos na internet, que retratam pontos importantes da história ou meras curiosidades sobre o local. Disponibilizamos também *links* para reportagens relacionadas ao trabalho, como no caso do produtor de queijo Guilherme Ferreira; alguns trabalhos relacionados a Serra da Canastra; e o *link* do Instituto Chico Mendes de Biodiversidade (ICMBio). Com isso, pretendemos que o leitor tenha o máximo de informação possível, a ponto de criar suas próprias opiniões a cerca da história e da problemática local.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O modo de vida e as peculiaridades dos Canasteiros definem parte de sua identidade, que os unem e os tornam pertencentes a um lugar. Lugar esse, cheio de histórias para contar.

Nosso objetivo é fazer com que essas histórias saiam da Serra da Canastra e alcancem um grande número de pessoas. Será necessário fazer uma boa divulgação do produto, para que ele atinja aqueles que buscam saber sobre a região ou aqueles que se identificam com a cultura e temas relacionados ao local. O uso de *tags*¹¹ e a divulgação, em meios online que estudam e falam sobre cada um desses temas, poderá fazer com que o produto chegue a um grande público.

Nas viagens feitas a Serra, passamos por realidades, situações e contextos diversos, e às vezes conflitantes. Na parte do Chapadão do Babilônia, próximo à cidade de São João Batista do Glória, encontramos pessoas extremamente envolvidas na questão das desapropriações de terras. Elas nos mostraram os pontos negativos do Parque Nacional da Serra da Canastra (PNSC): as desapropriações e o que isso causa às famílias; a má administração do Parque, enfatizando a questão das queimadas; e a luta para no lugar onde nasceram.

Já na região de São Roque de Minas, vimos aspectos mais ligados à cultura local. Conversamos com produtores de queijo Canastra, com um produtor rural e com o analista ambiental do Instituto Chico Mendes de Biodiversidade (ICMBio), instituto que monitora o Parque. Na entrevista com Darlan, o analista do ICMBio, vimos as vantagens ambientais que as desapropriações trazem.

O aprofundamento sobre as desapropriações necessitaria de uma pesquisa mais complexa *in loco* e com mais tempo para permanecer na região. Como não dispúnhamos de tempo e gastaríamos muito dinheiro para ficar na Serra, optamos apresentar uma visão geral sobre o assunto e sobre a oposição dos pontos de vista dos envolvidos. Percebemos que cada pessoa aponta questões visando seus interesses, mas que não diminui ou tira o valor que a causa representa para cada um.

Abordar questões como essa e várias outras, como o queijo, a cultura, a agropecuária e os recursos de um Parque Nacional, fez do trabalho um produto que visa informar e sensibilizar o público com histórias e imagens de uma realidade mineira e brasileira bastante particular a nosso ver.

¹¹ “Tag” em inglês quer dizer etiqueta. As tags na internet são palavras que servem justamente como uma etiqueta e ajudam na hora de organizar informações, agrupando aquelas que receberam a mesma marcação, facilitando encontrar outras relacionadas.

Através fundamentalmente da fotografia documentamos belas paisagens e o dia-a-dia de alguns Canastreiro. Registramos um pouco de uma região extensa e rica em histórias, onde pessoas humildes, acolhedoras e simples abriram as portas de suas casas e nos deixaram conhecer seu dia-a-dia, seus pensamentos e trajetórias.

O *site* foi a ferramenta encontrada para que o produto tivesse um grande alcance, já que a internet permite que um público variado acesse um mesmo conteúdo. Procuramos plataformas gratuitas e também de fácil manuseio. A *Wix* foi a que atendeu nossa demanda, dentro de nossas limitações de ordem técnica, com diversos layouts disponíveis e uma variada opção de elementos gráficos.

No resultado final, percebemos que, além da parte fotográfica, o produto retrata um pouco da memória local através dos textos produzidos para o *site*. Imagens, textos e vídeos juntos, são linguagens que se complementam e nos permitem contar as histórias dos Canastreiros, do Parque Nacional, de alguns de seus conflitos, da cultura e da própria Serra. Quando essas informações chegarem às telas dos computadores, *tablets* e celulares, parte da população se interessará por essas histórias a ponto de acessar o *site* <http://serradacanastratcc.wix.com/dovelhochicoaqueijo> para conhecer mais sobre o povo Canastreiro.

REFERÊNCIAS:

AGUIAR, Adriane Cristina et al. **Um lugar chamado Canastra**. Atibaia: Instituto Pró-Carnívoros, 2008.

BARBOSA, Cristiano. **Territórios de vida e trabalho dos pequenos produtores de queijo da Serra da Canastra**: um estudo sobre a relação entre produção camponesa e espaços naturais protegidos nas nascentes do rio São Francisco, Minas Gerais. Dissertação (Mestrado). Curso de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Uberlândia – MG, 2007.

BONI, Paulo César. **Artigo: O nascimento do foto documentarismo de denúncia social e seu uso como “meio” para transformações na sociedade**. Paraná: Universidade Estadual de Londrina, 2008.

BRASIL, Decreto (1972). **Decreto Nº 70.355 de 03 de abril de 1972**. Lex: Legislação Federal, Brasília, 1974.

BRASIL, Decreto (1974). **Decreto Nº 74.446 de 21 de agosto de 1974**. Lex: Legislação Federal, Brasília, 1972.

BRASIL, Decreto (1974). **Decreto Nº 74.447 de 21 de agosto de 1974**. Lex: Legislação Federal, Brasília, 1972.

CARNAVILHAS, João. **Notícias e Mobilidade**: Jornalismo na Era dos Dispositivos Móveis. Livros Labcom:Covilhã, 2013.

Casa Civil. **Relatório do Grupo de Trabalho Interministerial instituído pelo decreto de 24 de janeiro de 2006, relativo ao Parque Nacional da Serra da Canastra**. Brasília, 2006.

DARBON, Sebastien. **O etnólogo e suas imagens** In: SAMAIN, Etienne. **O Fotográfico**. Hucitec. São Paulo, 1998.

DOCUMENTO. In: Michaelis Dicionário Escolar Língua Portuguesa. Disponível em: www.michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=documento. Acesso 23/05/2015 15h30

Edital nº. 01/2010 Desoneração de Reserva Legal. Disponível em: <https://gestao.icmbio.gov.br/menu/editais/editais-de-reserva-legal/edital_canastra_15-10-2010.pdf>. Acesso em 08 dez. 2010.

FABRIS, Annateresa. **Identidades Virtuais: Uma Leitura do Retrato Fotográfico**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.

FERREIRA, Gustavo Henrique C. **A regularização fundiária no parque nacional da serra da canastra e a expropriação camponesa**: da baioneta à ponta da caneta. Dissertação (mestrado). Curso de Geografia da Universidade de São Paulo – SP, 2013.

FOLTS, James, LOVELL, Ronald P. e ZWAHLEN JR, Fred C. **Manual de Fotografia**. São Paulo: Thomson, 2007.

FONTINHA, Cristiane. **Entrevista: Allan Taylor**. In Discursos fotográficos, v.8, n.13, p.261-269. Londrina, 2012.

FONTINHA, Cristiane.; BALDESSAR, Maria José. **Conexões fotográficas na internet: A hipertextualidade no fotojornalismo**. In Razon y Palabra, n.77. América Latina, 2011.

HORN, Evelyse Lins. **FOTOGRAFIA-EXPRESSÃO: a fotografia entre o documental e a arte contemporânea**. Disponível em http://www.poscom.ufc.br/arquivos/fotografia_express%E3o.pdf . Acesso em fevereiro de 2016

LOURO, Guacira Lopes. **Corpo, escola e identidade**. In: Educação e Realidade, v.25 n.2 p.59-76. Porto Alegre, 2000.

MAIA, Ravena Sena. **Dissertação: A paisagem na fotografia documental contemporânea: Tendências estéticas na obra "Paisagem Submersa"**. Niterói: Universidade Federal Fluminense, 2013.

NOVAES, Sylvia Caiuby. "O uso da imagem na antropologia" In: SAMAIN, Etienne. **O Fotográfico**. HUCITEC: São Paulo, 1998.

OSORIO, Eduardo Baldino Dable. **Dissertação: Possíveis diálogos entre o foto documentarismo e a fotografia-expressão: O retrato fotográfico na obra "Terra", de Sebastião Salgado**. Rio Grande do Sul: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013.

Plano de Manejo: Parque Nacional da Serra da Canastra. Brasília: MMA/IBAMA, 2005.

PROCOPIAK, Ana Lúcia Jorge. **O retrato fotográfico na trama sociocultural**. In:Tuiuti: Ciência e Cultura, n. 24, p.167-176, Curitiba, 2001.

ROUILLÉ, André. **A fotografia: entre documento e arte contemporânea**. São Paulo: Senac, 2009.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. **Viagem às Nascentes do Rio São Francisco**. Belo Horizonte: Itatiaia, 2004.

SILVA, Tomaz Tadeu da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, v. 8, 2000.

SOUSA, João Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental**. Santa Catarina: Grifos, 2000.